

---

## O Discurso Direto em interações orais coloquiais

---

Maria Aldina Marques  
CEHUM/Universidade do Minho

### 1. Introdução

#### 1.1. Discurso Relatado e ensino do Português

O Ensino do Português a estrangeiros, no que concerne aos usos e funcionamentos da língua, assenta quase exclusivamente, se não mesmo inteiramente, numa gramática da escrita.<sup>1</sup> Daí a dificuldade sentida por um aprendente de Português quando em situação de imersão em contexto de uso da língua. Com efeito, entre as regras da escrita e as regras do oral há divergências que é preciso considerar, na atenção, nomeadamente, às situações de interação que impõem restrições à construção discursiva.

O Discurso Relatado (DR), em particular, apresenta-se como uma área crítica do ensino/aprendizagem do Português Língua não Materna (PLnM). Uma das razões tem a ver com a perspetiva algo redutora dada pela gramática tradicional.

Considerando a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, (1999; 37ª edição, pp. 481-482) e a *Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra, pp. 629-635, sobressaem as seguintes características (Marques 2006):

- a. Redução da ocorrência de DR ao texto escrito e literário.
- b. Restrição do processo à retoma de palavras de um interlocutor.
- c. Perspetiva realista, que pressupõe a existência efetiva do discurso citado. Só o discurso literário suspenderia essa característica.
- d. Transposição do DD a DI: um processo mecânico, descontextualizado, que impõe mudanças automáticas ao nível das pessoas gramaticais, tempos verbais, pronomes demonstrativos e advérbios.

---

1 Esta é uma situação comum ao ensino de outras línguas. Veja-se o caso do Francês, em que “Dans les méthodes de FLE, les dialogues sont en fait essentiellement traités sur le mode des discours écrits. Au-delà de caractéristiques de surface – présence de plusieurs locuteurs et alternance de prise de parole – le fonctionnement de l’interaction n’y est pas fondamentalement présent” (Parpette1997: 127).

Ora, os manuais e outros materiais de apoio à aprendizagem do Português como Língua não Materna (PLnM) seguem, basicamente, este modelo. Uma rápida consulta de alguns manuais torna evidente essa filiação. A atenção é dirigida para o processo de transformação do Discurso Direto (DD) em Discurso Indireto (DI). De facto, em todos os manuais consultados, o DD é dado como um processo adquirido ou, talvez, como um “não assunto” no quadro do ensino-aprendizagem do PLnM.<sup>2</sup> Prak-Derrington (2004:2) coloca esta questão, noutros termos é certo, a propósito do DD e do texto literário, lembrando um estereótipo de “transparência” que, creio, ultrapassa os limites do discurso literário e se torna uma questão fundamental do DD:

*Avec le discours direct, au contraire, on se trouve confronté à un système (apparemment) ancré dans la transparence : en lieu et place d’une superposition des voix, une succession des voix, et un dialogisme non plus implicite, mais qui s’exhibe, se montre, dans une évidente simplicité, qui découpe, linéairement, le dit de “l’autre” dans celui de “l’un” (itálico meu).*

Assim, o manual *Aprender Português 3*, nível B2 (p.166-167), aborda a questão nesta perspetiva tradicional, de que sobressai a apresentação de quadros sintetizadores dessas transformações. A mesma metodologia é usada na *Gramática Aplicada. Português língua estrangeira* (níveis B2 e C1), p. 82-83; é a alternância morfológica verbal que é considerada, mas apenas a propósito do DI, ainda que o título do capítulo englobe DI e DD. O manual *Português Mais*, na p.134-135, aborda também a questão do DI e apresenta uma mera lista de verbos introdutórios, sem qualquer reflexão sobre o seu funcionamento discursivo, e os seus valores pragmático-enunciativos. Terminámos com a referência à *Gramática Aplicada. Nível elementar*, em que mais uma vez encontramos o título “Discurso Directo e Discurso Indirecto”, ainda que o capítulo se restrinja, na realidade, a algumas particularidades do DI, no processo de transformação em que o DD é apenas ponto de partida:

No discurso indirecto usam-se verbos declarativos para reproduzir indirectamente o que se disse anteriormente. Os verbos que introduzem o discurso indirecto usam-se no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo ou no Pretérito Imperfeito do Indicativo (dizer que, pensar que, contar que, afirmar que, perguntar se, ...

*Gramática Aplicada. Nível elementar*, p. 46

Entre outras questões, sistematicamente olvidadas ou insuficientemente apresentadas, torna-se necessário perspetivar a abordagem do relato de discursos na atenção

2 Só no livro de exercícios *Vamos lá continuar!* (2008: 57) se encontra uma curta referência ao DD: “O Discurso Direto é marcado pela presença dos verbos de *dizer, afirmar, ponderar, perguntar, responder* que podem introduzi-lo, concluí-lo ou nele se inserir”.

aos géneros, da escrita e da oralidade, e aos parâmetros da enunciação, pois são heterogeneidades que é forçoso ter em conta.

Não existe, para o Português Europeu, uma gramática do oral à semelhança do que existe, por exemplo, para o Português do Brasil, de que sobressai o *Projeto Gramática do Português Falado*, da responsabilidade inicial de Fernando Tarallo e Mary Kato, desenvolvido na Unicamp, apesar da importância de que se reveste o conhecimento das características da oralidade, na sua complexidade e heterogeneidade, para estudantes de Português Língua não Materna. A análise que realizámos, para além da importância para a descrição do português oral, pretende contribuir, desde logo pelo *corpus* constituído, mas também pelos resultados obtidos, para o ensino/aprendizagem do PLnM.

O Discurso Relatado tem sido objeto de investigação em Português Europeu, mas são análises que privilegiam a escrita e o texto literário; dão conta das suas especificidades com destaque para a categoria dos verbos introdutores do discurso, cuja riqueza e variedade é assinalável: Duarte (2003: 326), por exemplo, lista 192 verbos introdutores de relato de discurso no romance *Os Maias*.

Numa redução assumida, face ao que é um fenómeno discursivo complexo, como refere Duarte (2003)<sup>3</sup>, o trabalho aqui apresentado pretende discutir ocorrências de DD, em situação de interação verbal coloquial, de que é exemplo o excerto seguinte:

A minha avó foi a que me contou. • • *Ela assim/ a minha avó era assim.* • •  
–É o que diziam os os antigos. • • *É o que dizia os antigos. ((risos))*

01H1B

## 2. Quadro teórico-metodológico

Privilegiámos uma perspetiva interdisciplinar, suportada pelos desenvolvimentos teóricos no âmbito da organização enunciativa dos discursos, em particular no que concerne às vozes do discurso (Bakhtine, 1977; Brès, 2005), ao dialogismo, de que o Discurso Relatado é integrante, com contributos da análise dos discursos em interação, quanto à estruturação discursiva e nomeadamente aos turnos constituídos por intervenções iniciativas e reativas.

O conceito de género discursivo é teórica e metodologicamente central para a nossa análise. O *corpus* selecionado faz parte dos géneros do oral, marcados pela

---

3 “...é uma constante de qualquer discurso citar palavras de outros ou de si próprio, de modo directo, indirecto, ou através de formas mais subtis e menos visíveis, como alusões, ecos irónicos, negação, reprodução de léxico alheio, pressuposições, etc.” (Duarte 2003: 37).

coloquialidade. Neste quadro, e na esteira da afirmação de Bakhtine (1977: 161) de que o Discurso Relatado é “un phénomène discursif particulier, qui construit un discours sur un discours, une énonciation sur une énonciation.”, a investigação realizada ater-se-á, especificamente, à análise da integração do discurso direto no discurso citante pela análise das características do discurso atributivo, definido por Prince (1978: 307) como um procedimento discursivo de integração do discurso do outro no discurso próprio<sup>4</sup>.

## 2.1. Objetivos

A partir do inventário das ocorrências de DR no *corpus* selecionado, o objetivo é determinar as suas características, num género oral coloquial, a entrevista sociolinguística. Em particular, pretende-se determinar a relação entre DR, na modalidade de DD, e coloquialidade pela atenção:

- às marcas de construção do DD
- ao modo como o locutor integra o discurso citado no seu próprio discurso
- aos modos específicos de introdução do DD, isto é, ao discurso atributivo e às suas estruturas lexicais e sintáticas.

## 2.2. Corpus

O *corpus* considerado para análise é um conjunto de interações verbais orais autênticas, constituído por entrevistas sociolinguísticas (Labov, 1972); foi elaborado no âmbito de um projeto de investigação, denominado, *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*. com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009, realizado por uma equipa de investigadores maioritariamente do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM). São entrevistas presenciais, semidirigidas e registadas em gravação áudio. Os participantes, entrevistadora e falante/informante, não partilham nenhuma história discursiva<sup>5</sup>, mas constroem, apesar dessa constrição, uma relação discursiva que se pretende informal; os lugares interacionais ocupados são assimétricos; os objetivos da entrevista –pré-negociados– visam a colaboração entre os dois interlocutores; a entrevistadora tem como função guiar a entrevista, para levar o informante a falar, durante uma hora, a fim de recolher o maior número de dados de fala bracarense. É uma amostra estratificada, em função das 3 variáveis consideradas: sexo, idade e nível

---

4 Uma questão a que voltaremos com mais pormenor.

5 Algumas das entrevistas registam informações relativas a esta situação, como é o caso da 88M4D: “Este foi o segundo contacto que tivemos com a senhora.”

de escolarização de que dá conta o Quadro I, abaixo apresentado<sup>6</sup>. Cada entrevista tem a duração de cerca de uma hora. O registo e transcrição dos dados<sup>7</sup> foram realizados no programa Exmaralda. Da totalidade de entrevistas já realizadas e disponíveis (cerca de 80), consideramos apenas 30 entrevistas, que exemplificam os diferentes parâmetros, assim organizadas:

|                           | 1. 15 – 25 anos | 2. 26 – 59  | 3. 60 – 75  | 4. +75      |
|---------------------------|-----------------|-------------|-------------|-------------|
| A. analfabeto – 3ª classe | 0+0             | 12H2A+55M2A | 22H3A+67M3A | 34H4A+79M4A |
| B. 4º - 9º anos           | 01H1B+46M1B     | 13H2B+58M2B | 25H3B+70M3B | 37H4B+82M4B |
| C. 10º - 12º anos         | 04H1C+49M1C     | 16H2C+61M2C | 28H3C+73M3C | 31H3D+85M4C |
| D. licenciado             | 07H1D+52M1D     | 19H2D+64M2D | 31H3D+76M3D | 43H4D+88M4D |
| TOTAL                     | 30              |             |             |             |

Quadro I: Corpus considerado para análise de acordo com as variáveis pré-determinadas

### 2.3. Entrevista sociolinguística, linguagem oral e coloquialidade

O termo *Linguagem oral* veicula uma perspetiva abrangente e homogeneizadora de uma situação profundamente heterogénea. Daí a importância teórico-metodológica de considerar a oralidade a partir dos géneros orais. A coloquialidade (que também pode ocorrer, claro, nos géneros da escrita) caracteriza alguns géneros orais do quotidiano, entre eles a entrevista sociolinguística aqui em análise.

Quanto ao registo coloquial, tomo como parâmetros de categorização, seguindo aqui autores como Briz (2009), (a) a relação de igualdade funcional entre os interlocutores; (b) a proximidade vivencial, nomeadamente o conhecimento mútuo; (c) a planificação simultânea da interação e verbalização marcada pela espontaneidade; (d) o tom informal.

No *corpus* da fala bracarense, o registo coloquial é predominante, apesar das constricções resultantes da relação entre os participantes e da finalidade da interação, criadas com o objetivo específico de constituir o *corpus* da fala bracarense.

6 Assim, uma entrevista identificada como 12H2A é a entrevista nº 12, com um falante do sexo masculino, de idade compreendida entre 26 e 59 anos, analfabeto.

7 Como sinais convencionais de transcrição, salientam-se: indicações não verbais, paraverbais, passagens incompreensíveis, onomatopeias: ((onomatopeia)); passagem duvidosa: (acho que); pausa breve (até um segundo): ••; pausa longa: •••; reformulação: ele/ela; repetição: na na na; sinais de pontuação: . ? , !; discurso direto: : - ; ênfase: BEM; interrupção: ...; enumeração: é assim: dois livros, um lápis; sobreposição de falas: sublinhado; cortes nos exemplos: [...]; participantes: F: falante, E: entrevistadora; estruturas em análise: itálico;

O exemplo seguinte ilustra quer as características do registo coloquial da entrevista quer as constrações acima referidas, de que os participantes dão conta numa sequência de natureza metadiscursiva, iniciada pelo falante, preocupado com o registo de linguagem que está a usar (*falar mal*) e que tenta controlar em consequência do juízo de formalidade que atribui à interação e que marca, aliás, o início da sequência:

- (1) F: ••*Eu, se estivesse/ não estivesse assim, eu até havia de estar a ((hesitação)) a falar mal. Porque senão já tinha falado mal •• como o diabo já.*  
 E: Ai é?  
 F: Mas já é o o coiso da pessoa já de natureza da pessoa.  
 E: ••*Hum hum. Então o senhor agora tentou não dizer muitos palavrões.*  
 F: Sim, sim, sim, sim! Penso que evitei todos,  
 E: ((risos))  
 F: evitei tudo. Já podia ter fugido algum.  
 E: Pode falar à vontade  
 F: Mas se calhar disse mesmo.  
 E: que ninguém o censura  
 F: Não, pois. Mas é por causa disso que, normalmente, é assim: ((hesitação)) palavrões abaixo, palavrões acima. Não sei. Não é com aquele rancor, não é?

13H2B

Apesar destas constrações, quer este exemplo quer o seguinte são marcados por características textuais-linguísticas da coloquialidade<sup>8</sup>, de que se salientam: a sintaxe “não convencional” (*Foi •• desde berrar, desde eles mandarem-me ((hesitação)) ((hesitação)) •• ir*); os recursos deícticos abundantes (*Eu, se estivesse ; eu eu fiz coisas*); as elipses (*Tipo •• na boa.*); as interrupções/ repetições (*E eu ia e não tipo, no início, podia ficar*); os comentários metadiscursivos (*se estivesse/ não estivesse assim, eu até havia de estar a ((hesitação)) a falar mal.*); os relatos dramatizados (ex.3); o léxico marcado pela vaguidade, o registo familiar, o calão/palavras-tabu<sup>9</sup> (*Mas já é o o coiso da pessoa*) a dispersão e mudança de temas e os temas pessoais (“Ei, não vou que *vergonha*”):

8 Sobre as marcas de coloquialidade, ver Briz (2009).

9 Em Braga, como noutras regiões do norte de Portugal, há uma “tolerância” social ao uso dos *palavrões* (item lexical obsceno, tabu linguístico). São marca de um registo familiar. Sem fazerem necessariamente parte de atos ameaçadores da face, são muitas vezes meros pontuadores discursivos e marcas da relação interpessoal muito próxima e informal. É a esse estatuto social que se refere o falante no exemplo (1): “F: ••*Eu, se estivesse/ não estivesse assim, eu até havia de estar a ((hesitação)) a falar mal. Porque senão já tinha falado mal •• como o diabo já. [...] normalmente, é assim: ((hesitação)) palavrões abaixo, palavrões acima. Não sei. Não é com aquele rancor, não é?”.*

- (2) •• *Ó pá*, mudou no sentido em que *eu eu* fiz coisas que nunca pensei fazer. Eu dizia: - Não, nunca vou fazer uma coisa daquelas •• que eu não tenho feito para isso. •• E mudou-me. Porque eu fazia as coisas •• e pensava: “*Ei! Que cena* estou a fazer isto.” •• *Mas ao mesmo tempo sentia-me feliz por [...] Foi •• desde berrar; desde eles mandarem-me ((hesitação)) ((hesitação)) •• ir: - (Vai) à beira de uma pessoa e vai fazer uma declaração de amor ou... Assim do nada. Ou: - Vai ali e faz qualquer coisa ou: - vai pedir não sei o quê. •• E eu ia e não tipo, no início*, podia ficar: •• “*Ei, não vou que vergonha*”. Mas depois: “*Oh, sou caloira. Quero lá saber*”. ••• *Tipo •• na boa.*

49M1C

### 3. O DD no falar bracarense

#### 3.1. DD e narrativas conversacionais

A construção do DR não é alheia a estas dimensões da coloquialidade, apresentando especificidades que não ocorrem em géneros discursivos formais como refere Maingueneau (2002: 195): “La manière dont une parole est attribuée à une autre source énonciative est solidaire des caractéristiques de l’ensemble du discours citant.”

Na fala bracarense, o DD é a forma de DR predominante. O seu contexto preferencial de ocorrência são as narrativas conversacionais ou narrativas de experiência de vida, encaixadas na intervenção do locutor<sup>10</sup>. A finalidade determinada para estas entrevistas sociolinguísticas, de recolha de um *corpus* da fala bracarense propicia a ocorrência de narrativas conversacionais, na medida em que o falante-entrevistado relata a sua experiência de vida<sup>11</sup>.

O excerto seguinte pertence a uma sequência narrativa, de experiência de vida, onde o DD é um mecanismo de relato central, quer como autorrelato quer como relato dialogado:

- (3) [...] seis rapazes! •• E vimos um carro no escuro. *Digo assim: •• - Canalha. •• Vamos ver! Oh Oh •• vamos ver! ••• Quem era? Era um polícia. •• Eu: - Fugi, caralho, que é a polícia! •• E dizia o gajo, o tal parece o polícia:*

10 Esta é a definição proposta por Vincent e Brès (2005: 8): «récit conversationnel “dans lequel un locuteur, en situation d’interaction verbale, met en récit un élément quelconque de son vécu”».

11 “A narrativa tem funções discursivas nucleares que devem ser relacionadas com o género discursivo; segundo Vincent e Brès (2005: 9) citando Sacks: “Toutes les activités conversationnelles ne sont pas également propices à l’émergence de récits. Sacks l’a bien montré : *ne raconte pas qui veut quand il veut*. Des plus saugrenus à première vue (dans les transactions commerciales) aux plus favorables (dans les interactions entre pairs), *les contextes d’émergence de récits méritent qu’on s’y attard.*”

- *Anda cá, ó Pentena! Anda cá, ó Pentena!* • • Que era eu. Filho da Pentena, o Piri. - *Anda cá, ó Pentena!* Oh minha Nossa Senho... - *Fugi que é a polícia!* • • Tive que fugir. • • Eu não disse nada à minha mãe. Também cheguei a casa a transpirar. Nada! • • *O polícia vai dizer à minha mãe: - Olhe, Pentena, • • • olhe que um colega meu diz que vai apertar o papo ao seu filho. • • • - Apertar o papo ao meu filho, porquê?* • • - *Não sei.* • • E ele lá contou. - *Ouve lá, o que é que tu fizestes? - O que é que eu fiz? Nada.* • • - *Nada!* • • *Se tu...* • • *Diz que um polícia vai/ ia-te apertar o papo. - A mim?* • • E depois teve que cair, tive que que dizer a verdade. • • - *Olhe, passou-se isto assim assim assim e e ((hesitação)) • • • e ((hesitação)) • • • e vamos a ver, era um polícia. • • - Já sei quem é.*

13H2B

### 3.2. DD e literalidade

A análise das ocorrências de DD permite repensar as características do DD tal como são apresentadas nas gramáticas e manuais.

Assim, a primeira das características a considerar é a literalidade do DD como característica que o distinguiria do DI, segundo as gramáticas. Esta é uma questão central na abordagem do discurso direto (Marques 2006, 2014; Marques & Ribeiro 2011; Prak-Derrington 2004; Rosier 2008). O Discurso Direto é tradicionalmente associado a um pressuposto de verdade e objetividade (como *se diz*, são as próprias palavras do locutor citado), que desconsidera a globalidade discursiva na construção do sentido. O *corpus* em análise dá conta dessa diferença não só pela necessária recontextualização, mas também pela manipulação “das próprias palavras”. Os exemplos seguintes mostram a dissociação entre literalidade e DD, pela presença de expressões resumitivas ou “vagas”:

- (4) Eu disse: - *Ó senhora Doutora, vou falar com o meu pai e tal e de momento.* • • • Ela: ((hesitação)) - *Senão aqui não andam a fazer nada. Não sei quê, não sei que mais.*

16H2C

- (5) tive lá o professor, • • tipo, • • para aí um mês, • • no laboratório comigo a dizer: - *Pegas nisto, fazes aquilo, pegas nisto, fazes aquilo,*

17H2C

- (6) - *Não andes com/ triste, • • não andes assim, não andes assado.* Isso é que são amigas!

55M2A

O exemplo (4) tem como núcleo informacional, na segunda intervenção, o enunciado “Senão aqui não andam a fazer nada.”; é um ato de advertência que ocorre num



contexto discursivo mais alargado mas irrelevante para os objetivos do locutor. Por isso o resumo no enunciado “Não sei quê, não sei que mais.”. O mesmo procedimento ocorre em (6). O essencial do conselho relatado é “não andes triste”. A expressão vaga resume uma interação mais longa de reforço do ato inicial.

De facto, não se trata de fazer a restituição fiel das palavras do locutor citado. O locutor citante, como refere Muñoz (1994-19995) para o DI, mas que é válida também para o DD, “est loin de prétendre être un magnétofone”. Embora seja a atualização de uma enunciação anterior, o DD não carrega um pressuposto de literalidade (ou de factualidade); sobrepõe-se outra função discursiva, nomeadamente a de constituir um fator de verosimilhança, por um *efeito de real*, que serve os objetivos comunicativos do locutor. No relato em DD, há sobretudo uma “fidelidade” ao que o locutor crê ser verdade e é relevante para os objetivos discursivos<sup>12</sup>. Por isso, no exemplo (5), todo o relato em DD é vago, resumitivo: serve o relato de uma experiência frustrante para o locutor.

Esta adequação global aos sentidos do discurso citante torna o DD compatível com a iteratividade:

- (7) Por exemplo, no/ lá no consultório e tal • • em que me chamam com...e (dizem): - É urgente. Anda aqui! Não sei quê.

07H1D

- (8) Então eu ligo sempre lá para a STCP ou lá o que é dos autocarros, que não faço ideia, • • e • • pergunto: - Olhe, preciso de ir daqui até aqui, qual é o autocarro que tenho de apanhar?

58M2B

A habitualidade da ocorrência do evento discursivo sobrepõe-se ao valor informativo da troca verbal e à necessária variabilidade de cada interação. Ocorrendo em experiências de vida, a habitualidade veicula, tal como as expressões resumitivas ou vagas, um juízo de valor”.

Uma outra questão, ainda relacionada com a “literalidade” do DD, tem a ver com a ocorrência de interjeições no início do DD, mas que, de facto, não fazem parte do

---

12 Duarte e Carvalho (2013) concluem: “Dans des contextes informels, quand le locuteur parle et argumente à propos d’un sujet donné et qu’il rapporte les paroles d’un autre locuteur, *il résume souvent la partie du DR qui n’est pas considérée comme essentielle*. Il la résume à travers un ensemble d’expressions de vague, de flou, d’imprécision informative, qui dévalorisent ce qui a été dit par le locuteur premier, dont il est en train de rapporter le discours. Soit ces informations *sont insignifiantes à un certain moment discursif*, soit il veut les omettre intentionnellement, voire, ce qu’il résume est *facilement déductible par l’allocataire*, parce que ce sont des informations du monde partagé, d’un *script* commun que les interlocuteurs n’ont pas besoin de développer dans un contexte précis étant donné qu’ils partagent une culture commune”.

relato de palavras. São marcadores de DD, sinalizadores ou sinais de ajustamento para que o alocutário o identifique<sup>13</sup>:

- (9) •• E depois eu fui reclamar à/ lá •• ((hesitação)) à junta/ ((hesitação)) à câmara e na câmara disseram: - *Ah...* Uma de/ uma das meninas, que é como tudo, •• disse: - *Ai* ((onomatopeia)) ((incompreensível)) fiz a obrigação dele.  
79M4A
- (10) •• e é o que eu digo a muita gente: •••• Tipo: - *Ai!* Devia haver cortes tipo  
07H1D
- (11) E é isso que eu, é isso que eu faço. ••• Quando eu digo uma coisa: - Isto é cimento. - *Ah*, isso é madeira. E eu a saber que aquilo é madeira. O gajo é mesmo burro. •• - Então, leva a madeira, leva o cimento, leva o raio que te...  
•• Desaparece da minha frente! •• Acabou. Não vale a pena ter convívio com essa gente.  
12H2A

As interjeições não são, aliás, os únicos sinalizadores de DD. Os marcadores fáticos, bem como as formas de tratamento nominal, parecem ter também esta função:

- (12) •• E então ((risos)) eu contei-lhe, digo assim: •• - *Olhe*, eu aborreci-me, porque eu tinha muitos pretendentes.  
85M4C
- (13) e o meu pai chegou a casa e disse assim: - *Ó Aninhas*, •• para a minha mãe, •• será que os nossos filhos agora com a adolescência •• estão a perder a confiança nos pais?  
88M4D

### 3.2. DD e deixis

Uma segunda característica saliente no *corpus* em análise tem a ver com as categorias deícticas. Numa reflexão sobre os géneros da escrita, Muñoz (1994-1995) afirma que nos casos mais frequentes de DR, L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub> não coincidem há, portanto, de modo prototípico, uma alternância entre a primeira e terceira pessoa<sup>14</sup>. Esta é claramente uma questão que não pode ser dissociada do género discursivo em que o DR ocorre.

13 Morais (2011: 434) fala de fronteiras internas dos segmentos textuais em DD.

14 “La personne qui rapporte (Le locuteur L1) et la personne dont le discours est rapporté (le locuteur L) sont d’habitude deux êtres distincts”.

O DD na fala bracarense é massivamente uma situação de autorrelato ou autocitação, uma característica a reportar à finalidade que caracteriza este género interacional. Predominam, assim, marcas deícticas de primeira pessoa:

- (14) Como não está na lista nem lhe toco sequer. Depois *chego* à à diálise (perguntaram-*me* se isto): - Ó senhora doutora, •• isto assim assim *posso* comer? •• Ela: - Pode à vontade! *E eu assim*: - Olhe, mas *eu* não comi. •• *Eu*, ao princípio, agora pronto, mas *na/* ao princípio: •• - Ó senhora doutora, *posso* comer atum? •• Aquelas latinhas de atum. *Eu*, no verão, gosto muito de/ com salada russa e... •• - *Posso* comer? - Pode. Mas não exagere. - Pronto. ••• - *E posso* comer salsichas? •• *Eu* não comia ••• sem perguntar à médica

16H2C

Este predomínio de autorrelato tem a ver com o facto de serem narrativas conversacionais a que Shank (1990) chamou de *narrativas experienciais em primeira mão* (“*firsthand experiential stories*”). Daí o facto de estes relatos serem entremeados de comentários explicativos:

- (15) •• eu **disse** assim a essa pessoa: - Olhe, •• ó Mariazinha, *que é uma senhora que já partiu* •• *para aí há dois anos*. •• ((*tosse*)) •• *E ela aí teve muita razão*. •• Ela/ eu digo assim: - Ó ó dona Mariazinha, olhe, •• fulano disse-me que ((hesitação))

67M3A

## 4. Características e funções do discurso atributivo na fala bracarense

### 4.1. Um lugar de subjetividade

O discurso atributivo é definido por G. Prince (1978 : 305) a propósito do DD em narrativas literárias escritas, como aliás ele faz questão de explicitar: “Les locutions et les phrases qui, dans un *récit* (*je pense au récit écrit*), accompagnent le discours direct et l’attribuent à tel personnage ou à tel autre...”. Duarte (2003 : 108), também no âmbito da análise linguística de textos literários, destaca a importância desta categoria descritiva para a construção do DD: “A importância do discurso atributivo para a elucidação das intenções, gestos, posições, tom de voz, silêncios, olhares dos locutores que dialogam torna o DD inseparável do marco narrativo que o introduz.”.

Contudo, o discurso atributivo não é apenas fundamental para a análise de textos literários ou dos textos escritos; é uma dimensão fundamental do discurso relatado,

do encaixe do discurso citado no discurso citante e da natureza do DR, como refere Bakhtine<sup>15</sup>. A dimensão enunciativa, de “um discurso sobre um discurso” é trazida pelo discurso atributivo. E, por isso, é sobretudo um lugar de subjetividade:

Para além dos segmentos discursivos relatados, o discurso atributivo, restitui (parte de) o quadro comunicativo, de uma forma que é indissociável da relação que o locutor estabelece com o discurso que convoca. No que agora nos concerne, o discurso atributivo é um procedimento discursivo pelo qual o locutor se relaciona, distancia ou aproxima do discurso relatado, integrando-o no próprio discurso.”

(Marques 2014)

Os exemplos seguintes dão conta, na escolha lexical realizada, dessa relação que o locutor estabelece com o discurso que relata:

- (16) *Então um gajo diz de lata*: - ((incompreensível)) cair ao chão. Está mal, dava-as.  
12H2A
- (17) •• *Eu digo assim ao meu/ na brincadeira*: - Olhe, eu não tenho dinheiro para me tratar, tenho de cuidar de mim.  
67M3A
- (18) •• *E sempre a dizer/ a dar os bons conselhos*: •• - Cabeça erguida, não não te metas a magicar, não chores, porque as pessoas depois •• são capazes de futurar que é outra coisa.  
55M2A

## 4.2. Delimitar o DD

O discurso atributivo tem como função discursiva a delimitação das fronteiras do discurso relatado, enquanto explicitamente assinala a presença de um outro locutor e as circunstâncias da sua enunciação:

- (19) •• *Há pessoas que às vezes se admiram se admiram*: - Quanto é que custou o carro? - Custou-me cinco euros.  
43H4D

---

15 A mesma posição é assumida por Prak-Derrington (2004 : 15), ao salientar que este conceito : « ...recouvre, tout d’abord, la dimension verbale du dit: désignation de la source énonciative et, éventuellement, du destinataire (Qui parle à qui ? syntagme introducteur avec nom du personnage, verbe de parole...), mais aussi sa dimension para-verbale: contexte (quand, où ?...) et conditions d’accomplissement (gestes, regards, intonation...) . »

Como acima apontado, esta função delimitadora não é exclusiva do discurso atributivo. Para além de marcas verbais de que salientei as interjeições e os marcadores fáticos, a prosódia é também fundamental.

## 4.2. Estruturação sintática

No corpus oral da fala bracarense, o discurso atributivo é mais sucinto do que nos textos literários que tomámos como exemplo. Nas ocorrências registadas a identificação do locutor citado é uma das funções fundamentais do discurso atributivo

- (20) *Eu* quando *disse*: - Ó professor, disquetes, ainda? E *ele*: - Ai, esta máquina é muito cara. E *eu*: •• - E onde é que vou encontrar disquetes?

17H2C

Para além da identificação do locutor, são ainda explicitadas outras referências quer ao contexto situacional (21) quer a comportamentos dos participantes (22) quer à interpretação que o locutor faz do discurso que relata, em particular, dos atos realizados (23):

- (21) Eu lembro-me que *estava nas aulas e ouvia*: - Bom dia doutor xis. •• E eu não preciso saber o nome do gajo

17H2C

- (22) E ele *começou-se a rir*: - Muito bonita, senhor Machado? - Sim. •• **Diz** ele: - Aquela eira? - Eira porquê, senhor Brandão?

22H3A

- (23) e foi tão infeliz a fazer-me a pergunta, uma falta de caridade: •• - Ó Marília, não tens filhos, de quem é o defeito?

82M4B

Mas é um discurso atributivo reduzido, que aparece como uma característica das narrativas de experiência de vida, que pode ir até à elipse total, nos relatos dialogados<sup>16</sup>. De facto, no DD dialogado, o discurso atributivo é suprimido com frequência. O conteúdo do excerto relatado, bem como a ocorrência de marcas de delimitação como a interjeição ou as formas de tratamento asseguram a identificação de cada intervenção:

- (24) *E ele*: - Ai, este é o teu horário? Mostra. •• Onde é que não tens aulas? •• Sempre a riscar. - Isto é para estudar, para estudar, para estudar, para estudar. •

16 Esta ausência está marcada nos exemplos pelo sinal Ø.

- Ø - Ó professor, e vida pessoal? • • Ø - Ah, tens aqui uma horinha à segunda e outra • • ((hesitação)) não sei quando para ir ao ginásio.

17H2C

### 4.3. Estruturação textual

Sobressai, assim, a estruturação textual da interação, em intervenções iniciativas e reativas, como determinante das características do discurso atributivo. A análise das ocorrências permite determinar três contextos interacionais que condicionam as estruturas do discurso atributivo: intervenções iniciativas absolutas, isto é, uma intervenção iniciativa em início absoluto de DD, intervenções iniciativas não absolutas, ou seja, integradas num diálogo relatado e intervenções reativas.

#### (a) Intervenções iniciativas absolutas:

Neste tipo de intervenções, predominam estruturas sintáticas que integram uma forma verbal. Da variedade de estruturas presentes no *corpus*, considere-se como exemplo: *a minha avó era assim; as amigas dizem assim; eu pensei; enquanto perguntas; Eu disse logo, ...*

- (25) Era era assim. • • • *Digo assim*: - Ó pá, és de Braga, eu sou de Braga também, pá. De onde é que tu és? - Sou de Maximinos. - Eu sou da Sé, pá

13H2B

#### (b) Intervenções iniciativas não absolutas

Em intervenções iniciativas não absolutas, integradas num relato de diálogo, a estrutura sintática elidida é característica da construção do DR:

- (26) Espreitei pela janela, • • por assim ((incompreensível)). - Não, não vou à porta eu • • o meu irmão... - Ø Vai lá tu. • • Ele: - Porquê? - Partimos o bar todo. - Ih! • • Ø - Vai lá tu. • • ((incompreensível)) • • - Boa noite! - Boa noite! Ø Olhe, está aí o seu irmão? • • Ø - Qual deles? • • - Um baixinho gor/ forte. • • - Não. • • Ø - Para onde é que foi? - Foi para o rio. Ø - Com quem? - Com os amigos.

12H2A

#### (c) Intervenções reativas:

Nas intervenções reativas predominam as estruturas nominais, do género: *Ela*::; *E eu*::; *Ele assim*::; *Tipo*::; *E eu*::; *E nós*::; *nós*::; *nós*::; *Ele*::; *A minha mãe*::; *Um gajo*::; ou a elisão total:

- (27) - Oh, senhora doutora, • • isto assim assim posso comer? • • *Ela*: - Pode à vontade!

16H2C

- (28) ••• O meu pai andava muito triste e assim: - Ó pai, ((incompreensível)).  
- Ah caramba, o que é que eu vou fazer agora sem o empregado e tal? Ø -  
Deixe lá aguento mais estes dois meses que •• eu vindo da tropa vou trabalhar consigo.

16H2C

#### 4.4. Verbos introdutores de DD

A determinação dos *verbos introdutores do discurso relatado* (VIDR)<sup>17</sup> coloca a questão das tipologias de VIDR existentes e que se evidenciam pela sua natureza frágil (Duarte 2003: 344 e 353), dada a variabilidade dos critérios considerados. Uma das questões fundamentais decorre da necessidade de estabelecer limites à categorização, o que leva à discussão sobre se se está, em determinados contextos, perante a ausência de verbos de locução ou se as formas verbais que aí ocorrem são usos contextuais como VIDR. Na linha de outros investigadores (Duarte 2003: 328) e de trabalhos que já realizámos (Marques & Ribeiro 2011), adotamos uma conceção não restritiva dos VIDR, porque se trata de relatar uma enunciação e não meras palavras, porque a enunciação é multimodal<sup>18</sup>. Falar é agir por palavras, gestos, mímicas, movimentos. Os VIDR mostram assim dimensões verbais e não verbais do dizer.

No *corpus* da fala bracarense, encontramos algumas categorias de VIDR de que salientamos, pelas especificidades que apresentam:

##### (1) Verbos de locução/verbos *dicendi*

Estes verbos exprimem as atitudes especificamente comunicativas dos sujeitos falantes.

Sobressai, aqui, o verbo *dizer*, como o verbo de locução com um singular destaque na lista, bastante modesta, dos verbos usados pelos falantes entrevistados. Considerado em diferentes trabalhos de investigação como um verbo de locução não marcado, *dizer* é aqui um verbo plurissignificativo, em que sobressai o valor de pergunta:

- (29) •• e eu dizia assim: - O que levas aí, Manel, na saca?

82M4B

17 Para além de classificações variadas, baseadas em diferentes critérios semânticos e pragmáticos, esta categoria discursiva tem designações variadas. Apesar desta designação não estamos a considerar uma perspetiva topológica restritiva, antes se considera a sua função atributiva.

18 A mesma posição é defendida em Duarte (2001: 128) "...por meio dos verbos introdutores de relato, é verbalizado o que o locutor percebe da situação de enunciação relatada, do enunciado, das relações entre o locutor citado e o respectivo alocutário, dos acordos e desacordos entre eles..."

- (30) •• Ao fim, a minha mãe preocupada foi lá à médica e *disse*: - Ó senhora médica, isto vai sair?

01H1B

- (31) O o gajo: - Ó ó minha senhora, olhe que isto não tem não tem produtos nenhuns, não tem químicos nenhuns. - Ai, mas não *pre/ é* feio mas assim assado. *Diz* assim: - Ai é assim? Então vamos lá ver agora. •• Pronto, injetou injetou a hortaliça.

13H2B

Outros verbos de locução dão conta da cronologia da interação discursiva, como *responder*, *perguntar*, *mandar* ou da estruturação temática, como *vir à baila* ou *virar-se*, que dão conta de uma situação de oralidade coloquial:

- (32) •• Olha, foi um dia que o meu/ um doutor meu se **virou**... Foi num dia em que íamos ao Celta. •• E nós fomos jantar, por acaso, e ele **virou-se**: •• - Ei, •• tu tens cara de Mini.

49M1C

## (2) Verbos de pensamento

Esta categoria surge com frequência associada a narradores omniscientes, no DR em texto literário. Nas interações orais do quotidiano, é a característica já assinalada de autocitação que justifica a ocorrência de verbos como *pensar*:

- (33) Porque eu fazia as coisas •• e *pensava* “Ei! Que cena estou a fazer isto.”

49M1C

- (34) E eu pus-me a *pensar* assim: •• - eu quero realmente o bem-estar dele, mas também não quero que ninguém morra. •••

79M4A

## (3) Verbos copulativos

Uma última categoria a assinalar é constituída pelo verbo copulativo *ser*, em estruturas do tipo: *E é assim o mais novo*; *a minha falecida mãe era*. A frequência das ocorrências permite considerar que este é um verbo característico deste género de interação verbal:

- (35) •• ((hesitação)) É a nossa pronúncia. Eles *é* logo: - Ai *é* do Norte. ((risos)) ((tosse))

70M3B

- (36) Tenho que ir dar uma voltinha, mal diga: ((hesitação)) - Vamos dar uma voltinha? Ela *é* logo: - Vamos avó, vamos avó.

70M3B



- (37) •• A diretora *é*: - Ó dona Marília, venha comer alguma coisinha. •• - Dona Manuela, eu já comi na minha casa.

82M4B

#### (4) Verbos cotextualmente introdutores de discurso

A atenção aos elementos situacionais torna explícitas dimensões proxémicas, de movimentação dos interlocutores; mimogestuais, como a direção do olhar ou ainda outros factos desencadeadores da enunciação, de que destacamos: *a gente chegava lá e;*; *os pais recebiam os contrafês;*; *E eu chego à beira;*; *E eu fiquei a olhar para ele tipo;*; *e eu vou ver;*; entre outros:

- (38) Havia um lavrador à nossa beira, a gente *chegava* lá e: - Olhe, •• dê-nos pêras.  
•• - Ai, não dou. - Olhe que elas vão-lhe cair ao chão.

12H2A

- (39) Ao fim, a minha mãe *acorda* assim: - Ó Filipe, porque é que estás a berrar?  
O meu pai também se chama Filipe

01H1B

### 4.5. Verbos introdutores do discurso e tempos verbais

Ocorrendo em narrativas experienciais, os relatos em discurso direto têm como tempos verbais preferenciais os tempos do passado, o pretérito imperfeito no relato de situações iterativas ou durativas, e o pretérito perfeito com valor episódico ou singulativo:

- (40) Eu lembro-me que estava nas aulas e *ouvira*: - Bom dia doutor xis. •• E eu não preciso saber o nome do gajo

17H2C

- (41) E a minha avó *perguntava*: - Ó Álvaro, o que é que estás a ver e não sei quê. ••

46M1B

- (42) e o meu pai ((hesitação)) *disse*: - Olha, a avó tem um cãozinho.

49M1C

No entanto o uso de formas de presente do indicativo é também frequente. Ocorre com diferentes valores temporais, modais e aspetuais/quantitativos:

#### a) valores iterativos:

- (43) [...] há momentos que eu digo que não vou, mas *há outros momentos* que eu *penso*: - Não. •• Vou acabar com isto de vez.

16H2C

- (44) •• É o que eu  *digo*  à minha mãe,  *quando (ouvir) a minha mãe a queixar-se* , •  
• a única coisa que eu  *digo*  é tipo: •• - Esquece.

07H1D

- (45) Ai,  *digo, eu digo, eu digo muitas vezes* : •• - Põe-me um bocado de travão nesta rapariga ou põe-me um travão neste rapaz. - Vai-te dar que fazer! ••

73M3C

**b) valores episódicos:**

- (46) •• E então ((risos)) eu contei-lhe,  *digo*  assim: •• - Olhe, eu aborreceu-me, porque eu tinha muitos pretendentes.

85M4C

- (47)  *eu disse-lhe*  logo: - Olha, eu nisso me meto. Não me meto, porque isso não são assuntos que os pais se deve meter.

25H3B

**c) valores hipotéticos:**

- (48) [...] •• E então a minha mãe disse: - Ó senhor comissário, agradecia se ele não tivesse pai nem mãe. ••  *Como quem diz* : - Se não tivesse pai nem mãe, agradecia que fosse para esse colégio, mas enquanto tiver pai e mãe ...

13H2B

O presente do indicativo cria um efeito de dramatização. São “histórias” em que o locutor se envolve, muitas vezes emocionalmente. A forma verbal de presente atualiza o relato, “finge” uma sobreposição da situação relatada relativamente ao momento da enunciação.

Por outro lado, é de assinalar a alternância de tempos verbais no mesmo relato dialogado:

- (49) e o meu pai chegou a casa e  *disse*  assim: - Ó Aninhas, •• para a minha mãe, •• será que os nossos filhos agora com a adolescência •• estão a perder a confiança nos pais? •••••  *Diz*  assim a minha mãe: - Mas porquê? ••••• E  *diz*  assim o meu pai: - Olhe, •• disseram-me isto assim assim. •••••  *Disse* : - O quê? •• Um namorados? ((risos)) •• Ela ficou muito séria, claro. ••••• E  *diz*  assim: •• - Oh, quem é que te disse isso?

88M4D

- (50) •• E depois eu fui reclamar à/ lá •• ((hesitação)) à junta/ ((hesitação)) à câmara e na câmara  *disseram* : - Ah... Uma de/ uma uma das meninas, que é como tudo, •••••  *disse* : - Ai ((onomatopeia)) ((incompreensível)) fiz a obrigação dele. •••••  *Diz*  assim outra: - Bem, a obrigação dele, não, porque vai...  *Digo*  assim: - Mas eu tenho visto aqui tanta gente a vir buscar esses papéis e não vejo trazer os doentes às costas.

79M4A

## 5. Conclusão

A análise do Discurso Relatado em interações verbais orais da fala bracarense tornou evidente o predomínio do DD, e neste modo de relato, a ocorrência do DD dialogado.

A atenção ao discurso atributivo mostrou que este não apresenta a riqueza de pormenores e estruturas que o discurso literário, por exemplo, evidencia, mas destaca-se por estruturas que lhe são próprias e têm de ser (re)conhecidas. É de salientar a ocorrência de estruturas reduzidas, muitas de caráter exclusivamente nominal, verbos privativos da oralidade coloquial ou ainda a relação entre a estrutura dialogal da interação e as características do discurso atributivo, determinadas pela ocorrência em intervenções iniciativas e intervenções reativas.

Os tempos verbais em que ocorrem os verbos introdutores do discurso direto e nomeadamente a variação entre formas do passado e do presente do indicativo é uma questão fundamental que merece ser analisada em profundidade.

É clara a necessidade de, a par dos materiais disponibilizados nas gramáticas e manuais de PLnM, introduzir novos materiais sobre o funcionamento do DR na oralidade.

Mais ainda, a abertura aos géneros do oral apresenta novos desafios para a análise do DR e do ensino do PLnM, que não foram aqui esgotados. Fica, em primeiro lugar, como questão a ter em conta, o aspeto parcelar do estudo, restrito ao falar bracarense.

## Referências bibliográficas

- Bakhtine, M. (1977): *Esthétique de la création verbale* (Paris: Gallimard).
- Bechara, E. (1999) [1961]: *Moderna Gramática Portuguesa*, (S. Paulo: Cultrix).
- Brès, J. (2005): “Savoir de quoi on parle : dialogue, dialogal, dialogique ; dialogisme, polyphonie”, em Brès, J. & Haillet, P. & Mellet, S. & Nolke, H. & Rosier, L. (ed.), *Dialogisme et polyphonie, approches linguistiques. Actes du colloque de Cerisy*, 47-62 (Bruxelles: De Boeck-Duculot).
- Briz, A. (2009) : *Español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmatogramática* (Madrid: Ariel Lingüística).
- Cunha, C. & Cintra, L. L. (1984): *Gramática do português Contemporâneo* (Lisboa: Caminho).

- Duarte, I. M. (2001): “Do saber ao ensinar: em torno dos verbos introdutórios de discurso relatado”, em Fonseca, F. I. & Duarte, I. M. & Figueiredo, O. (eds), *A Linguística na formação do professor de Português*, 125-134 (Porto: CLUP).
- Duarte, I. M. (2003): *O Relato de discurso na ficção narrativa: contributos para a análise da construção polifónica de Os Maias de Eça de Queirós* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para Ciência e Tecnologia).
- Duarte, I. M. & Carvalho, A. (2013): “Discours rapporté dans l’oral informel: l’imprécision” (poster) 27<sup>e</sup> Congrès de Linguistique et Philologie Romanes, Nancy.
- Marques, M. A. (2006): “Debate político e discurso relatado – dimensões de uma ficção”, em *Actas do VII Congrès de Linguística General* CD-ROM (ISBN 84-475-2086-8) (Barcelona: Universidade de Barcelona).
- Marques, M. A. & Ribeiro, A. (2011) : “‘Dire’ ou ‘bruire’: les introducteurs de discours rapporté dans *Aventuras de João Sem Medo*”, em Jaubert, A. & López Muñoz, J. M. & Marnette, S. & Rosier, L. & Stolz, C. (dirs.), *Citations I. Citer à travers les formes intersémiotiques de la citation*, 79-94 (Paris: L’Harmattan).
- Marques, M. A. (2014): “Como é que uma voz tão crítica dos políticos resolve ir parar à política?: Ler os políticos na mediatização jornalística”, em Momesso, M. R. et al. (org.), *Das práticas do ler e escrever: ao universo das linguagens, códigos e tecnologias* (Porto Alegre: CirKula).
- Morais, A. (2011): “A Simulação do Oral na Oralidade”, em *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 433-445 (Lisboa: APL).
- Munõz, J. M. (1994-1995) “Pour une typologie des verbes introducteurs de Discours Indirect”, *Estudios de lengua y Literatura francesas* 8-9, 149-167.
- Neves, M. H. Moura (1999): *Gramática de usos do Português* (São Paulo, Unesp).
- Parpette, Ch. (1997) : “Le Discours Oral: des représentations à la réalité”, em *Actes du colloque Les linguistiques appliquées et les sciences du langage* 14-15, 126-134 (Strasbourg : Université de Strasbourg).
- Prak-Derrington, E. (2004) : “La fausse simplicité du discours direct. Propriétés de la parole alternée dans le dialogue romanesque”, *Cahiers d’études germaniques* 2004, 19-32. Disponível em : <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00425291v2/document>. Consultado em 12. 01. 2014.
- Prince, G. (1978) : “Le discours attributif et le récit”, *Poétique* 35, 305-313.
- Rosier, L. (2008) : *Le discours rapporté en français* (Paris : Ophrys).
- Schank, R. C. (1990): *Tell Me a Story: Narrative and Intelligence* (Evanston, Illinois: Northwestern University Press.).
- Vincent, D. & Brès, J. (2001): “Présentation : pratiques du récit oral”, *Revue québécoise de linguistique* 29,1, 7-10.

### **Manuais consultados:**

- Antunes, F. & Cleto, A. & Matos, M. I. (1994): *Português Mais* (Lisboa: Livros Oriente).
- Oliveira, C. & Coelho, L. (2007a) *Gramática Aplicada*. Português Língua Estrangeira (Níveis inicial e elementar A1, A2 e B1) Coordenação: Prof. Doutor Malaca Casteleiro (Lisboa: Texto Editores).
- Oliveira, C. & Coelho, L. (2007b): *Gramática Aplicada*. Português Língua Estrangeira (Níveis intermédio e avançado B2 e C1). Coordenação: Prof. Doutor Malaca Casteleiro (Lisboa: Texto Editores).
- Oliveira, C. & Coelho, L. (2007c): *Aprender Português*. Nível B2. Coordenação: Prof. Doutor Malaca Casteleiro (Lisboa: Texto Editores).
- Rosa, L. (2008): *Vamos lá continuar !* Explicações e exercícios de Gramática e Vocabulário (edição revista) (Lisboa-Porto: Lidel).